

## UM QUADRO, UMA VIDA

*Emmanoel Augusto Perillo*

O ilustrado professor Waldir Luis Costa, com quem estive, advertia-me dos 80 anos de existência de nossa Faculdade de Direito, circunstância que requeria minha desautorizada palavra.

Deveria escrever qualquer coisa a respeito. Meditando, lembrei-me do Quadro de retratos de formandos, o primeiro da vetusta escola, que se encontra na sala dos professores, como o seu maior e melhor documentário.

Quem se ponha a descrever da idade de sua Faculdade, lá está o quadro para retirar as dúvidas e colocá-lo a par de uma existência que, praticamente, partiu dali.

Ao findar do século passado um jovem goiano lançava, em terras do centro oeste brasileiro, a grande semente do que viria germinar, depois, uma Universidade.

E, poucos anos após, já com as rédeas governamentais do grande Estado mediterrâneo, Xavier de Almeida inaugurava uma Faculdade de Direito e, com ela, oferecia ao Estado uma primeira plêiade de profissionais.

No começo todos os povos necessitam mais do cultor do Direito. O Brasil, na formação de sua estrutura de país jovem, quis ter como alicerce o conhecimento jurídico, certo como estava de que nenhum povo é capaz de caminhar e progredir sem que antes se exprima por uma técnica de seu controle social.

No extenso país já atuavam, com real proveito desde os idos do Império, as aprendizagens jurídicas de Pernambuco e de São Paulo.

A ordem, a paz, a segurança e, sobretudo, a liberdade não se conquistam senão com o Direito.

O mundo deste findar de século preocupa-se, quase que exclusivamente, com o desenvolvimento material dos povos. Por todas as latitudes do globo terrestre há um desmesurado crescimento e se esquece do comportamento do homem, sem o que nada se realiza que se possa considerar útil e proveitoso para o bem estar coletivo.

Não faz muito tempo o Santo Padre Paulo VI clamava como o maior desdita da época em que se vive o menosprezo da humanidade pelas limitações éticas, sem as quais não será possível a coexistência dos homens.

A preocupação do Brasil, no limiar do século que aí corre em descontrolada carreira, era o preparo de seus homens para uma vida intensa, com ordem e progresso.

E, assim, foram as escolas de aprendizagem jurídica que se despontavam, aqui e ali, certo de que se faziam centros garantidores de nossa prosperidade, pois que não adianta crescer com o tecnicismo absorvente sem ordem, sem paz, sem segurança, sem justiça, enfim, sem liberdade.

A Faculdade de Direito de Goiás foi uma das responsáveis pelo grande desenvolvimento que o Brasil experimenta hoje e continua a ser, de balde as imprecizações de um ensino equivocadamente entendido nos dias do presente, uma bandeira de idealismo em busca de coisas certas.

E o quadro de formandos lá se encontra na sala dos professores, dentre estes muitos jovens que, se não desconhecem os primórdios de sua escola, não tiveram a oportunidade de sentir o realismo de suas conquistas na formação da comunidade goiana.

O quadro a que me refiro retrata toda uma vida, de glórias e percalços, em busca, sempre, de um ideal sadio.

Ontem, foram aqueles homens então de pouca idade, transformados, ao depois, no sustentáculo de nossa formação jurídica. Foram personalidades que ilustravam e dignificaram a nossa cultura jurídica em busca do ideal do Direito e da justiça deixando com sementeira o exemplo edificante.

Em 1905, dessa casa, saíram assim os primeiros homens, ciosos da grande missão que lhes estava reservada. Dela outros continuarão a sair, nos dias presentes para a grande escalada deste Brasil que, se não é o mesmo daqueles idos em ostentação material, continua a ser fonte de idênticos e imperecíveis anseios.

Os anos passam, e a escola de Xavier de Almeida, sob a direção de um neto do principal subscritor da Lei que criou o curso jurídico em Goiás, nos seus 80 anos de proveitosa e edificante existência, quer dar um exemplo à juventude de agora ou, pelo menos, uma advertência de que nenhum povo é digno se não souber cultivar as tradições.

Que os homens de hoje — lotando os salões da Faculdade de Direito, quer ocupando as cátedras, cujo brilho e ostentação cultural os vendavais das reformas mal pensados tentam empanar ou os que se assentam nos bancos da aprendizagem sintam, neste quase um século percorrido, a grandeza dos que os antecederam na mais justa e dignificante homenagem ao passado.